



PROCESSO SELETIVO 2019

Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Saúde

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz

ATENÇÃO! Este caderno contém 28 (vinte e oito) questões objetivas.

1. As páginas deste caderno estão numeradas sequencialmente. Verifique se a paginação está correta.
2. No cartão-resposta, verifique se seu nome, número de inscrição e curso/habilitação para o qual concorre estão corretos.
3. Observe as recomendações impressas no cartão-resposta.
4. Leia atentamente cada questão. Assinale uma das alternativas e marque-a no cartão-resposta.
5. A prova só poderá ser feita com caneta esferográfica de tinta escura, preta ou azul.
6. Você dispõe de 3 (três) horas para fazer a prova, incluindo a marcação no cartão-resposta. Faça a prova com tranquilidade, mas controle o seu tempo.
7. Após o término da prova, entregue o cartão-resposta ao fiscal devidamente assinado.



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

TEXTO I

Cinco visões sobre os 130 anos da abolição

Sancionada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea – oficialmente Lei Imperial 3.353 -, aboliu a escravidão depois de mais de três séculos de trabalho forçado no Brasil. Em maio de 2018, marco dos 130 anos da assinatura do documento, o **Jornal da Unicamp** entrevistou cinco historiadores que realizaram suas pesquisas de doutorado junto ao Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult) da Universidade.

(...)

Os historiadores entrevistados são professores de departamentos de história de universidades públicas do país, e autores de volumes da coleção que abordam a escravidão em debates atualizados na perspectiva da história social.

De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Enquanto a mortalidade de pessoas não negras diminuiu 12,2% entre 2005 e 2015, a taxa de homicídios de pessoas negras aumentou 18,2% no mesmo período. Os dados são do Atlas da Violência publicado no ano passado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. A publicação reúne dados de 2015 sobre as mortes violentas no país. De acordo com outro estudo também realizado pelo Ipea, as atrocidades contra a população negra não são mera consequência socioeconômica. Descontados os efeitos de idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência, o cidadão negro tem chances 23,5% maiores de sofrer assassinato em relação a cidadãos não negros. Se os impactos de mais de três séculos de brutalidade contra a população negra no Brasil são visíveis até hoje, fica a indagação: temos o que comemorar?

Protagonismo negro

Para a historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto, professora da Universidade de Brasília (UNB), o 13 de maio tem desencadeado intensas disputas de narrativas ao longo do tempo. Se, por um lado, o fim da legalidade da escravidão é um marco importante, por outro, a fragilidade crônica da cidadania para pessoas negras, já bem antes da abolição, faz com que as reflexões em torno da data não possam ser feitas em tom de

simples comemorações. “O preconceito de cor, o ódio de raça, o racismo, têm figurado como elemento estruturante da sociabilidade brasileira e da formação de suas instituições”, defende.

A historiadora argumenta que o Brasil é um país em que a experiência de nacionalidade foi encaminhada mediante esforços sucessivos de subalternização e da negação das possibilidades de acesso aos direitos de mulheres e homens negros. Se por muito tempo se tentou negar as heranças nefastas do passado escravista de nossa sociedade, vivemos um momento da afirmação na produção acadêmica do protagonismo negro na luta pela liberdade, em contraponto à versão hegemônica do 13 de maio como concessão imperial. “Uma conquista importante tem sido alcançada mediante os resultados de pesquisas que estabelecem diálogos com o passado em outros termos. Entre essas novas possibilidades, destacam-se os estudos sobre liberdade e pós-abolição”, afirma.

Ana Flávia retoma a participação importante de abolicionistas negros nas discussões do final do século XIX, que formularam projetos para o fim da escravidão e se posicionaram sobre as possibilidades de universalização da cidadania para todos os brasileiros. Figuras como Ferreira de Menezes, Luiz Gama, Machado de Assis, José do Patrocínio, Vicente de Souza, André Rebouças, entre tantos outros, refletiram a respeito das experiências da racialização e do racismo, e questionaram a viabilidade e a legitimidade de projetos de nação formulados pelas elites nacionais. “Essas informações são bastante relevantes no atual cenário, sobretudo para que possamos questionar a ideia de invisibilidade e ausência de homens e mulheres negras nas lutas políticas e institucionalizadas pelo fim da escravidão e outras agendas da cidadania no Brasil. O fato de projetos conservadores terem prevalecido sobre outros não pode ser entendido como a inexistência de outras possibilidades e dos sujeitos que a elas se dedicaram”, completa.

Estudos pós-abolição

Para Marcelo Balaban, professor do departamento de História da UNB, o 13 de maio é importante por celebrar um princípio, e reafirmar que a escravidão deve ser repudiada e combatida. No entanto, não se deve correr o risco de celebrar a data como um instante que marcou o fim da

escravidão real. Em sua visão, 1888 instaurou o fim legal da instituição servil, uma vez que o trabalho escravo ainda é recorrente no país. A abolição definiu, então, o início de um novo e longo processo histórico de precarização das condições de vida e de ascensão social dos ex-cativos e seus descendentes. “Nesse sentido, a abolição da escravidão não foi um instante de reparação, ou de inclusão da população negra e mestiça no Brasil. O racismo assumiu novas formas, ganhou força e vem se reinventando desde então”, reflete o historiador. Os sentidos, conflitos e consequências desse processo recentemente vêm sendo estudados por um campo historiográfico, os estudos do pós-abolição.

(...)

O historiador defende que a data deve, então, ser entendida como um momento de reflexão sobre a força duradoura da segregação social da população negra iniciada durante o tempo da escravidão africana e continuada, ainda que de formas variadas, até os dias de hoje. “Essa segregação é, por vezes, menos evidente socialmente, e muitas vezes explícita, como no caso recente do violento assassinato da vereadora negra Marielle Franco”, relembra.

Direitos trabalhistas

O historiador Robério Santos Souza, professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), salienta que em 1888 a maioria dos escravos já havia conquistado a liberdade, a partir de esforços próprios e muitas lutas. No entanto, naquele ano, o Brasil ainda era o último país das Américas a manter a escravidão. Ele pontua que, mesmo com o fim do regime escravista, as elites demonstravam o desejo de não abrir mão de sua política de domínio, insistiam em manter suas prerrogativas senhoriais, típicas do sistema escravista, mesmo na sociedade pós-abolição. “Isso colocava um árduo desafio para os recém-libertos: como viver em uma sociedade oficialmente sem escravidão, mas que insistia em manter condições e formas de trabalho que os faziam lembrar-se do sistema recém-abolido?”, questiona o historiador.

(...)

Na visão do historiador, a abolição inaugura uma nova fase na luta por cidadania e direitos pelos trabalhadores. Isso porque a população negra passa a enfrentar outras lutas, e algumas

pautas continuam na agenda política até hoje, como a reforma agrária, que já era pautada no final do século XIX por alguns poucos abolicionistas como André Rebouças, o encarceramento e extermínio de jovens negros, e o racismo no Brasil. Afirma que em vez de promover políticas públicas, o Estado brasileiro e as elites, no pós-abolição, foram habilidosos em estruturar a sociedade em hierarquias sociorraciais, mesmo sem criar leis segregacionistas, tal qual nos Estados Unidos e na África do Sul. Esse quadro, a seu ver, ajuda a explicar a desigualdade entre negros e brancos em relação a acesso a educação e saúde, ocupações, salário e, inclusive, a maior vulnerabilidade no mercado de trabalho (...).

A desigualdade no Brasil tem cor

Ricardo Figueiredo Pirola, professor da Unicamp e pesquisador do Cecult, retoma que a Lei Áurea colocou um fim definitivo ao sistema escravista existente no Brasil, e em 13 de maio de 1888 as pessoas foram às ruas em diferentes cidades do país para comemorar o acontecimento.

(...)

O historiador pontua que, às vésperas da abolição, havia propostas, por exemplo, de se prolongar a escravidão até o começo do século XX. Os proprietários da província do Rio de Janeiro, entre outros, resistiram ao avanço do abolicionismo no país. “Seus representantes no legislativo nacional proferiram discursos inflamados contra a abolição. Também em São Paulo, que juntamente com o Rio de Janeiro e Minas Gerais eram as três províncias com maior número de escravos em 1888, a resistência senhorial contra o movimento abolicionista arrefeceu apenas depois das fugas em massa de escravos das fazendas”, salienta. Dessa forma, em sua opinião, seria um erro pensarmos a abolição como uma dádiva da princesa Isabel. Trata-se, então, de um evento complexo em que a resistência imposta pelos escravizados e a luta conduzida por livres abolicionistas tiveram papel decisivo no seu desfecho em 13 de maio de 1888.

Ele defende ainda que a desigualdade social no Brasil tem cor. “Negros e pardos, por exemplo, apresentam taxas maiores de desemprego do que a média nacional, ganham salários menores e raramente ocupam cargos de mando ou chefia em empresas. Nada disso é fortuito. É resultado

de um desenrolar histórico que assentou a dominação e exclusão de grande parte da população a partir de padrões raciais”, conclui.

A capilaridade do racismo

Professora do departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Joseli Maria Nunes Mendonça defende que a data deva ser sempre comemorada. “O fato de a escravidão não ser mais uma instituição legalmente aceita em nossa sociedade não é pouca coisa”, afirma. Para ela, ainda que a abolição tenha resultado de muitas lutas travadas também pela própria população escravizada, o processo não se encerrou com a sanção da lei.

A professora destaca o combate às situações de trabalho análogas à escravidão, ainda bastante frequentes no país, e ao racismo que, em sua visão, passou a ser o principal instrumento de segregação da população negra, quando a escravidão deixa de ser a condição pela qual a discriminação se efetiva.

(...)

Joseli refuta o argumento das “heranças da escravidão”, e atribui o racismo dos tempos atuais fundamentalmente às políticas instauradas após a abolição. Para ela, isso se constata facilmente na força da oposição que as políticas afirmativas de reparação étnico-raciais recebem dos grupos que se pretendem hegemônicos. “Esse processo histórico instituiu o racismo como uma praga que tem em nossa sociedade uma capilaridade inimaginável. Ele é resultado de injustiças reiteradas caprichosa e perniciosamente nesses 130 anos que nos distanciam da abolição”, arremata.

(Disponível em <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/05/14/cinco-visoes-sobre-os-130-anos-da-abolicao>>, acesso em 14/09/2017)

Vocabulário

Arrefecer - desanimar ou provocar o desânimo de

01. Sobre as cinco visões apresentadas no texto I, é possível afirmar que:

- (a) apontam as melhores soluções para erradicar o racismo no Brasil.
- (b) indicam inúmeras justificativas para o fato de ter havido escravidão no Brasil.

(c) são visões convergentes, pois buscam dessacralizar a figura da Princesa Isabel e dar o protagonismo do dia 13 de maio para os escravizados e os abolicionistas.

(d) são visões divergentes, pois cada historiador entende o 13 de maio de 1888 como resultado de um processo histórico distinto.

(e) convergem para a ideia de que as pessoas negras devem ser mais valorizadas do que as pessoas brancas.

02. Ao afirmar que “o 13 de maio tem desencadeado intensas disputas de narrativas”, a historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto ratifica que:

(a) não existe história única acerca do processo da abolição da escravidão.

(b) a adoção de uma das narrativas como sendo verdadeira é crucial.

(c) os pesquisadores apresentam diferentes pontos de vista por terem estudado pouco o tema.

(d) a data da abolição é alvo de desacordo entre os historiadores.

(e) diferentes pontos de vista atrapalham a compreensão dos estudos históricos.

03. Ao apresentar as cinco visões dos historiadores brasileiros sobre a abolição, o Jornal da Unicamp utilizou verbos como *defender, argumentar, afirmar, refutar, concluir e arrematar*. Uma análise atenta desses verbos sugere que eles:

(a) impedem a identificação da opinião que cada professor tem sobre o 13 de maio de 1888.

(b) revelam impessoalidade na apresentação das ideias dos professores entrevistados.

(c) dificultam a interpretação do modo de pensar de cada historiador.

(d) indicam função injuntiva, buscando explicar diferentes pensamentos acerca da abolição.

(e) apresentam função argumentativa, esclarecendo os argumentos utilizados pelos historiadores.

04. Segundo o historiador Marcelo Balaban, “O racismo assumiu novas formas, ganhou força e vem se reinventando desde então”.

Sendo assim, qual das manchetes abaixo NÃO ilustra a presença de racismo na sociedade brasileira?

(a) “Dentista negro foi confundido com ladrão e morto por PMs em 2004”

(Disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/dentista-negro-foi-confundido-com-ladrao-morto-por-pms-em-2004-320928.html>>, acesso em 14/09/2018)

(b) “Professora pede para mãe ‘alisar ou prender’ cabelo black da filha de 4 anos”

(Disponível em <<https://ponte.org/professora-pede-para-mae-alisar-ou-prender-cabelo-black-da-filha-de-4-anos-em-sp/>>, acesso em 14/09/2018)

(c) “Vídeo registra alunos humilhando professor negro em sala de aula”

(Disponível em <<https://leiamais.ba/2018/09/21/video-registra-alunos-humilhando-professo-negro-em-sala-de-aula>>, acesso em 14/09/2014)

(d) “Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?”

(Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>, acesso em 14/09/2018)

(e) “Álbum do Racionais MC’s vira obra obrigatória em vestibular da Unicamp”

(Disponível em <<https://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2018/05/28/album-do-rationais-mcs-vira-obra-obrigatoria-em-vestibular-da-unicamp>>, acesso em 14/09/2018)

05. No trecho “Isso colocava um árduo desafio para os recém-libertos: como viver em uma sociedade oficialmente sem escravidão, mas que insistia em manter condições e formas de trabalho que os faziam lembrar-se do sistema recém-abolido?” (9º parágrafo), a ideia predominante é a de:

(a) representar fielmente o que ocorreu depois da abolição.

(b) refletir sobre a vivência das pessoas negras pós-abolição.

(c) traçar um panorama do que ocorreu pós-abolição.

(d) comover a todos acerca da situação das pessoas negras pós-abolição.

(e) demonstrar as péssimas condições de vida das pessoas negras depois da abolição.

06. No último parágrafo do texto I, as palavras *capilaridade* e *perniciosamente* podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por:

(a) disseminação / prejudicialmente

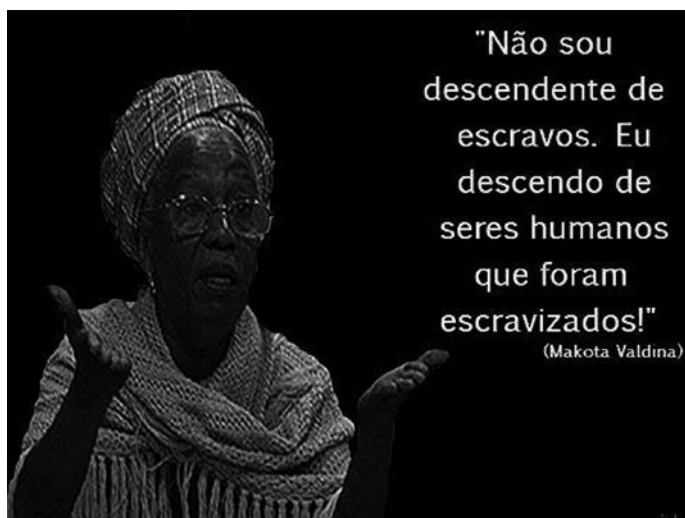
(b) aceitação / gradativamente

(c) abrangência / benéficamente

(d) inconstância / perigosamente

(e) reprodução / pontualmente

TEXTO II



(Disponível em <<http://www.desistirnunca.com.br/nao-sou-descendente-de-escravos-makota-valdina/>>, acesso em 25/07/2018)

07. O deslizamento de sentido que há entre a palavra “escravos” e “escravizados” é o de:

(a) demonstração da importância de evitar a repetição de palavras.

(b) uma avaliação social negativa para uma avaliação social positiva.

(c) percepção de seres humanos que foram escravizados antes de 1888 para pessoas que continuaram em situação de escravidão após 1888.

(d) valorização da concessão imperial dada pela Princesa Isabel.

(e) alteração da condição de ser humano que já nasce escravo para ser humano que sofre o processo de escravização.

08. A interpretação do uso da oração subordinada adjetiva no trecho “(...) seres humanos que foram escravizados!” indica que:

- (a) alguns escravos eram humanos e outros não.
- (b) qualquer ser humano podia ser escravizado nos tempos da abolição.
- (c) apenas escravos eram seres humanos.
- (d) apenas alguns seres humanos foram escravizados.
- (e) nem todo ser humano gostava de ser escravo.

TEXTO III

Em 14 de maio de 2014, a exposição “Kumbukumbu – África, Memória e Patrimônio” foi aberta ao público no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para auxiliar o entendimento da organização da exposição durante as visitas, em especial, guiadas, a equipe do Setor de Etnologia e Etnografia (SEE) publicou o guia “Conhecendo a Exposição Kumbukumbu do Museu Nacional”. Nesta publicação, podemos ler:

A sala da exposição de longa duração do Museu Nacional destinada aos objetos africanos, agora denominada Kumbukumbu: África, memória e patrimônio, apresenta um acervo diversificado de objetos adquiridos por meio de doações, compras e permutas. Além da beleza e do significado antropológico das peças, a coleção tem ainda uma importância histórica por ser um dos mais antigos acervos africanos do Brasil. São objetos trazidos de diferentes partes do continente entre 1810 e 1940, acrescidos de outros que pertenceram ou foram produzidos por africanos ou seus descendentes diretos no Brasil entre 1880 e 1950. A palavra Kumbukumbu foi escolhida para nomear a exposição porque na língua swahili, uma das mais faladas no continente africano, pode ser traduzida por memória e patrimônio. Ao comentar a palavra Kumbukumbu a partir de sua experiência pessoal, um estudante da Tanzânia chamado Gatera Mudahizi Maurice explicou, também em swahili, o significado da palavra:

Kumbukumbu é uma palavra swahili que significa memória ou o ato de colecionar. Como a

história é considerada o estudo do passado, historiadores coletam itens do passado de diferentes fontes. Todas as coleções e documentações dos acontecimentos passados reunidas formam um museu que, basicamente significa Kumbukumbu. As exposições dos museus são usadas para mostrar as memórias e as coleções de acontecimentos passados. Kumbukumbu nos faz lembrar o passado que nos dá um caminho para o futuro. A Tanzânia, por exemplo, tem um grande número de museus que mostram muitas memórias do passado.

Essa exposição traz a público, portanto, exemplos do patrimônio material africano e nos ajuda a conhecer a história de grupos que habitaram aquele continente. O elo com o passado dos povos africanos é construído através da pesquisa histórica e antropológica, hoje realizada pela equipe do Setor de Etnologia e Etnografia, que embasa e sustenta o presente trabalho e as informações aqui apresentadas.

A presença de africanos e de seus descendentes no Brasil está marcada pela violência da escravidão e pelo pós-abolição. A última vitrine da exposição trata do modo como os africanos se instalaram e recriaram seu mundo a partir do final do século XIX, em particular na Bahia e no Rio de Janeiro. A vitrine está dividida em três segmentos: as apreensões da Polícia da Corte, a coleção Heloísa Alberto Torres e os estudos recentes produzidos no Museu Nacional. O primeiro segmento mostra objetos que pertenceram aos antigos candomblés do Rio de Janeiro conhecidos como zungus ou casas de dar fortuna. Ali se cultuavam inkices (bantu), orixás (yorubá) e voduns (jêjemahi). Perseguidas pela polícia, as casas eram invadidas e tinham seus objetos confiscados e levados às delegacias como provas materiais da prática de rituais alegadamente proibidos. Os frequentadores dessas casas eram perseguidos e presos. Sabendo da existência desses objetos no depósito da Polícia da Corte, o então diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, interessou-se por eles e passou a pedir que lhe fossem enviados para estudo. Na década de 1880, o Museu Nacional formou uma coleção que guarda as antigas técnicas de metalurgia e o conhecimento da arte da escultura em madeira, exemplos materiais das práticas religiosas dessa última geração de africanos e de seus descendentes diretos.

O segundo segmento apresenta uma coleção de objetos do Candomblé Nagô da Bahia formada pela antropóloga Heloísa Alberto Torres, então

diretora do Museu Nacional, em 1940 e complementada em 1953. O candomblé nagô foi elaborado por africanos escravizados de língua yorubá trazidos para a Bahia. As esculturas em madeira representando os orixás foram esculpidas pelo artesão José Afonso de Santa Isabel. Além das esculturas, integram a coleção um agogô, instrumento bastante difundido na África Ocidental, duas bonecas vestidas à moda das mulheres da Bahia nos anos de 1940 e alguns “banquinhos de igreja” que, no candomblé nagô, eram de uso das pessoas de menor hierarquia (a yalorixá ou mãe de santo, por exemplo, senta-se em uma grande cadeira).

O último segmento desta vitrine apresenta alguns trabalhos recentemente produzidos no Museu Nacional relativos a temas da presença africana no Brasil. Além do Setor de Etnologia e Etnografia, que organizou a exposição e vem desenvolvendo estudos sobre algumas coleções, destacamos as pesquisas do Setor de Antropologia Biológica, do Laboratório de Arqueologia (Casa de Pedras) e do Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED).

(...)

A vitrine se encerra exibindo um conjunto de três objetos de procedência não identificada a fim de exemplificar a dimensão do que ainda desconhecemos dos muitos caminhos que percorreram os objetos que hoje compõem a coleção Africana do Museu Nacional. Trata-se de um exemplar de um opelé ifá e de dois edans usados por grupos yorubá. A ausência de informações mais completas deixa em aberto um arco de dúvidas e de questionamentos que só a continuidade da pesquisa poderá responder. Por isso, além de ser um lugar de guarda do passado, um museu é também uma instituição de pesquisa, voltada para o futuro e para a produção de novos conhecimentos.

(Disponível em <<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/etnologia/LivroKumbukumbu.pdf>>, acesso em 14/06/2018)

Glossário

- inkices, orixás e voduns: são divindades do candomblé denominadas de acordo com cada grupo étnico, a saber: bantu, yorubá e jêjemahi.

- opelé ifá: colar aberto composto de um fio trançado de palha-da-costa ou fio de algodão.

- edans: símbolo usado em torno do pescoço.

9. Sobre o texto III, podemos afirmar que:

- (a) o museu, além da memória da cultura africana, deve ser entendido como lugar de produção de conhecimento que aponta para o futuro.
- (b) o museu é apenas lugar de memórias passadas.
- (c) a memória é a condição imprescindível para que consigamos acessar o passado.
- (d) a cultura africana foi silenciada na história da humanidade e, por isso, deve ter um protagonismo sempre maior que o das outras culturas.
- (e) as peças expostas no museu servem para ilustrar a pouca influência da cultura africana na cultura brasileira.

10. Nos trechos “O primeiro segmento mostra objetos (...)”, “O segundo segmento apresenta uma coleção de objetos (...)”, “O último segmento desta vitrine apresenta alguns trabalhos (...)”, o recurso linguístico utilizado com valor atemporal para explicar a composição de cada segmento é:

- (a) a enumeração
- (b) o presente do indicativo
- (c) o objeto direto
- (d) a repetição de termos
- (e) o paralelismo sintático

11. Os termos sublinhados em “A palavra Kumbukumbu foi escolhida para nomear a exposição...” e “O candomblé nagô foi elaborado por africanos escravizados...” possuem, respectivamente, o sentido de:

- (a) finalidade e agentividade
- (b) finalidade e afetividade
- (c) direcionalidade e animacidade
- (d) paridade e agentividade
- (e) direcionalidade e afetividade

12. Em “a yalorixá ou mãe de santo, por exemplo, senta-se em uma grande cadeira”, a função do item sublinhado é a de:

- (a) índice de indeterminação do sujeito
- (b) pronome indefinido

- (c) pronome reflexivo
- (d) pronome apassivador
- (e) conjunção integrante

TEXTO IV



(Disponível em < <http://www.agora.com.vc/noticia/charge-incendio-de-grandes-proporcoes-atinge-museu-nacional-na-quinta-da-boa-vista-no-rio/>>, acesso em 14/09/2018)

13. O recurso utilizado pelo chargista do texto IV para apresentar um ponto de vista acerca do incêndio que atingiu o Museu Nacional é do tipo:

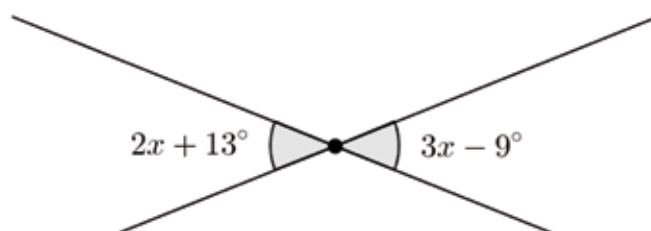
- (a) antitético
- (b) não verbal
- (c) iconográfico
- (d) verbal
- (e) anafórico

14. Os textos III e IV citam a mais antiga instituição científica do Brasil: o Museu Nacional, o qual foi criado por D. João XI em 06/06/1818. Com base na leitura de ambos os textos, é possível afirmar, EXCETO, que:

- (a) o incêndio que destruiu o museu nacional é um duro golpe na memória, no patrimônio e na cultura do Brasil.
- (b) a perda de acervos com inestimável valor histórico e cultural representa um prejuízo incalculável para a sociedade brasileira.

- (c) o acervo do Museu Nacional pode ser reconstruído à base de muito suor e lágrimas.
- (d) o Museu Nacional é um patrimônio cuja perda é imensurável.
- (e) as chamas interromperam o trabalho de pesquisa de inúmeros profissionais do Museu Nacional.

15. Na figura a seguir, dois ângulos opostos pelo vértice medem $2x+13^\circ$ e $3x-9^\circ$. Podemos dizer que a medida desses ângulos é:



- (a) 66°
- (b) 57°
- (c) 22°
- (d) 10°
- (e) 4°

16. Na primeira rodada disputada pelo campeonato brasileiro de futebol da série A (2018), temos a tabela abaixo com os jogos e os seguintes números de gols correspondentes:

Jogos	Número de gols
Cruzeiro x Grêmio	1
Vitória x Flamengo	4
Santos x Ceará	2
América Mineiro x Sport Recife	3
Vasco x Atlético Mineiro	3
Corinthians x Fluminense	3
Internacional x Bahia	2
Atlético Paranaense x Chapecoense	6
Botafogo x Palmeiras	2
São Paulo x Paraná	1

Com base nos dados da tabela acima, considere as afirmativas:

I. No jogo Vitória x Flamengo podem ter ocorrido cinco placares distintos;

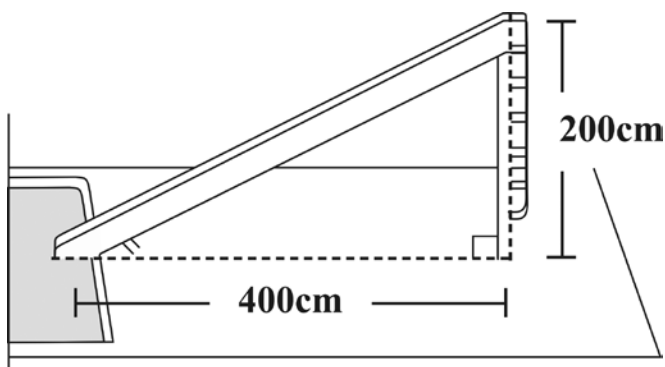
II. Nos placares possíveis do jogo Corinthians x Fluminense, temos duas derrotas do Corinthians e duas derrotas do Fluminense;

III. É certo que não houve empate no jogo Botafogo x Palmeiras.

Podemos concluir que:

- (a) Todas são verdadeiras.
- (b) Somente III é verdadeira.
- (c) Somente I e II são verdadeiras.
- (d) Somente I e III são falsas.
- (e) Todas são falsas.

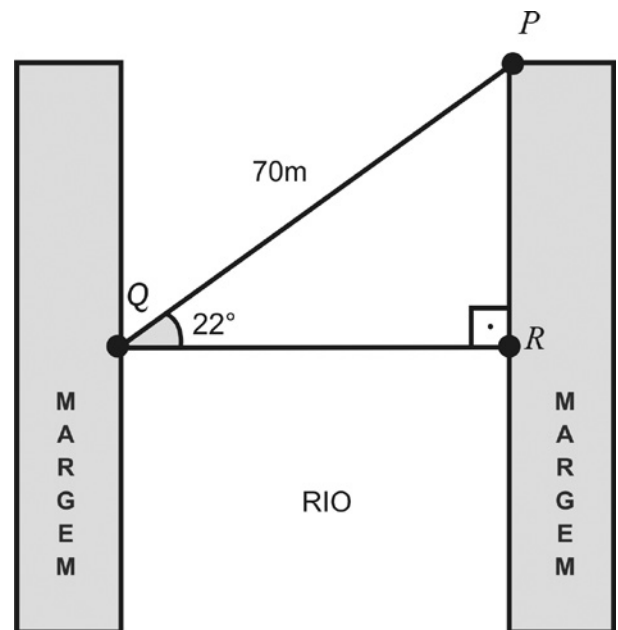
17. Um escorregador foi instalado na borda de uma piscina como mostrado na figura a seguir.



Admitindo que $\sqrt{5} \cong 2,24$, a medida do comprimento desse escorregador, em metros, é aproximadamente igual a:

- (a) 2,6
- (b) 4,5
- (c) 5,0
- (d) 9,0
- (e) 22,4

18. A figura a seguir mostra as duas margens de um rio. Os pontos P e Q estão em lados opostos do rio, de modo que uma corda, medindo 70m, presa de P a Q forma um ângulo de 22° com o seguimento QR , conforme a figura a seguir.

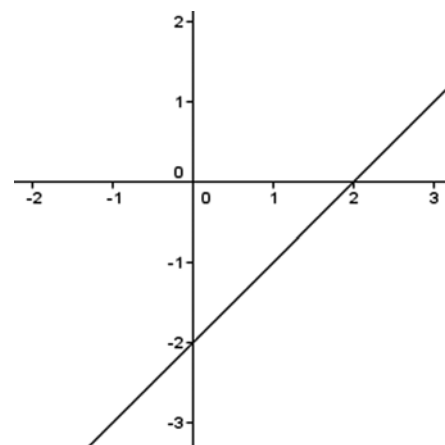


Considerando $\text{sen } 22^\circ \cong 0,37$, $\text{cos } 22^\circ \cong 0,9$ e $\text{tg } 22^\circ \cong 0,4$; a largura do rio corresponde a:

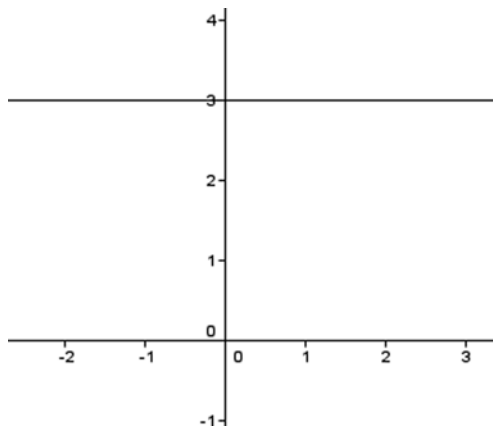
- (a) 8 m
- (b) 12 m
- (c) 42 m
- (d) 63 m
- (e) 77 m

19. Uma das maiores contribuições do matemático e filósofo René Descartes (1596 –1650) para a Matemática foi a de descrever lugares geométricos, como retas e parábolas, por meio de equações algébricas. Nesse sentido, indique qual das alternativas a seguir apresenta uma equação que NÃO corresponde ao gráfico a ela associado:

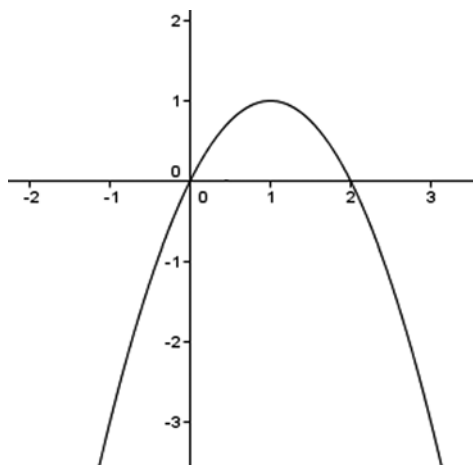
(a) $y = x - 2$



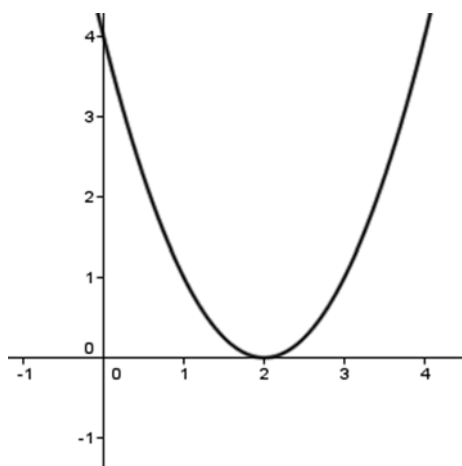
(b) $y = 3$



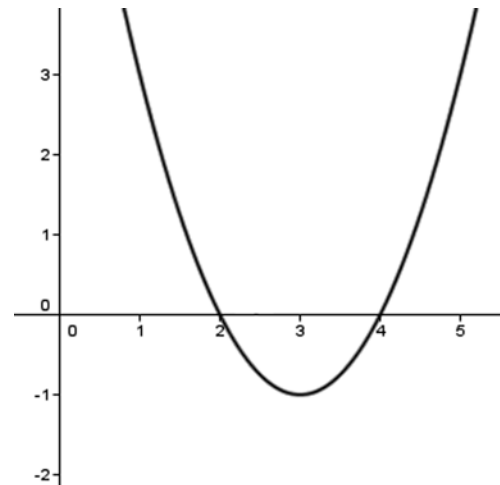
(c) $y = -x^2 + 2x$



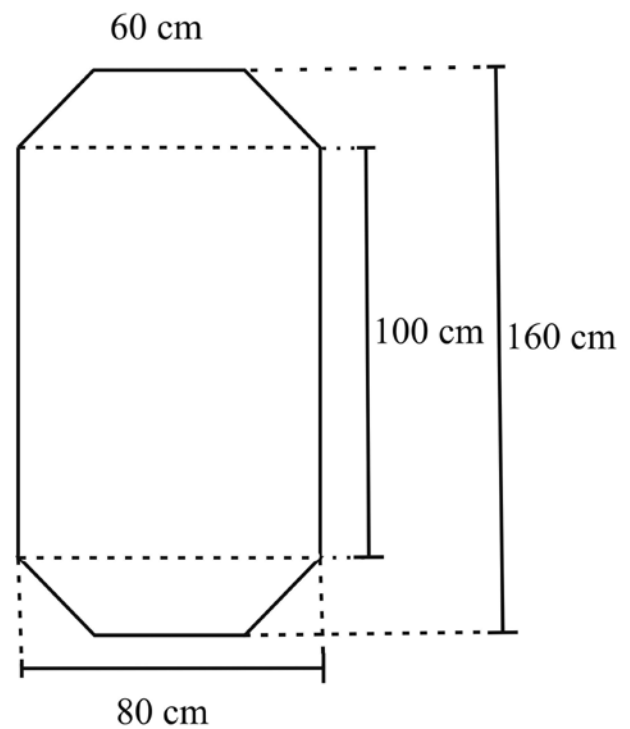
(d) $y = x^2 - 4x + 4$



(e) $y = 2x + 4$



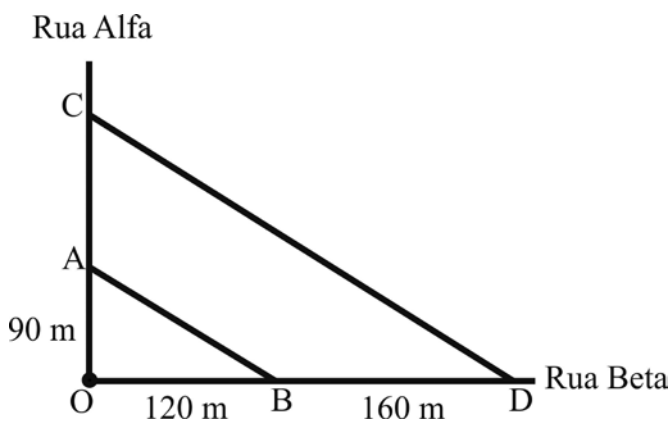
20. Um fabricante deseja construir uma mesa que possui uma parte de vidro que pode ser decomposta em um retângulo e dois trapézios isósceles idênticos, conforme a figura a seguir. Considerando as medidas indicadas nessa figura, quantos centímetros quadrados de vidro devem ser utilizados na fabricação dessa mesa?



- (a) 8.000
- (b) 10.100
- (c) 12.200

- (d) 12.800
(e) 16.400

21. Em uma grande cidade, a rua Alfa e a rua Beta estão dispostas e interligadas por duas pontes paralelas entre si, indicadas por AB e CD , conforme a figura a seguir. Sabendo que $OA = 90\text{m}$, $OB = 120\text{m}$ e $BD = 160\text{m}$, a distância AC equivale a:



- (a) 90 m
(b) 100 m
(c) 110 m
(d) 120 m
(e) 160 m

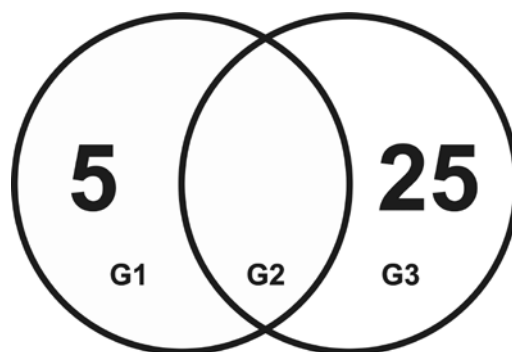
22. Os prismas são formas geométricas muito presentes ao nosso redor. Essas formas possuem algumas propriedades comuns, entre elas, a relação de Euler, que estabelece uma correspondência entre o seu número de vértices (V), de faces (F) e de arestas (A), a saber $V - A + F = 2$. Sabendo que, em um determina-

do prisma, o número de faces corresponde a $\frac{2}{3}$ do número de vértices e que o número de arestas corresponde a $\frac{3}{2}$ do número de vértices, é correto afirmar que o número de vértices deste prisma está entre:

- (a) 10 e 15
(b) 15 e 20
(c) 20 e 25

- (d) 25 e 30
(e) 30 e 35

23. Uma Unidade de Saúde está planejando uma ação de vacinação voltada para o público da Educação Infantil de uma Escola Pública. A ação consiste na aplicação de duas importantes vacinas, A e B. Para tal, a professora da Educação Infantil ficou encarregada de levantar quantos alunos já tinham tomado pelo menos uma das vacinas. Em seguida, utilizando seus conhecimentos de Matemática, organizou as informações em um diagrama de Venn, da seguinte maneira: indicou no Grupo 1 (G1) o número de alunos que tomou apenas a vacina A; no Grupo 2 (G2), o número de alunos que havia tomado ambas as vacinas e, no Grupo 3 (G3), o número de alunos que havia tomado somente a vacina B. No entanto, conforme indica a figura a seguir, a informação do G2 foi apagada.



Para resgatar esse número, considere as seguintes afirmações, das quais há uma falsa:

- I. o número de alunos que tomou a vacina B é o dobro do número de alunos que tomou a vacina A;
- II. a diferença do número de alunos do G2 e do G3 é 5;
- III. existem mais alunos no G2 do que no G1;
- IV. o número de alunos do G2 é $\frac{3}{5}$ do número de alunos do G3;
- V. o número total de alunos considerados no diagrama é 45.

Analisando essas afirmações, podemos concluir que a afirmação falsa é a de número:

- (a) I
- (b) II
- (c) III
- (d) IV
- (e) V

O texto a seguir serve de base para responder as questões 24 e 25.

Campanhas no Brasil em 2018 tem se voltado para a prevenção do Sarampo, que é uma doença viral, infecciosa aguda, transmissível, contagiosa e comum na infância. Crianças de 1 a 4 anos devem ser vacinadas. A maior motivação para tais campanhas foi o crescimento do número de casos registrados no ano de 2018, como podemos ver no gráfico de barras:



(Disponível em < <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2018/08/03/triangulo-e-alto-paranaiba-tem-21-casos-suspeitos-de-sarampo.ghtml>>, acesso em 19/09/2018)

24. Com base nos dados apresentados no gráfico de barras, é possível afirmar que:

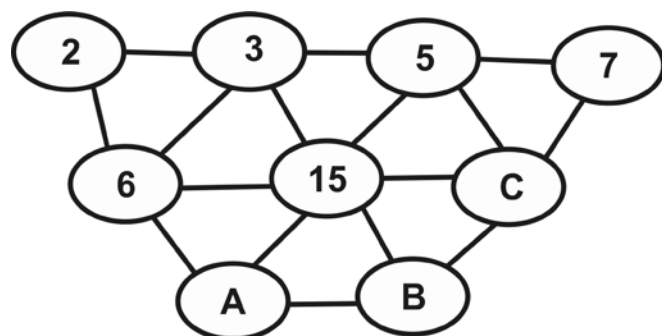
- (a) O número de casos de sarampo registrados em 2015 é menor que a quarta parte do número de casos de sarampo registrados em 2014.
- (b) A sequência numérica formada pelos números de casos de sarampo ao longo dos anos contidos no gráfico de barra é crescente.
- (c) Dos anos registrados no gráfico de barras, o que maior apresentou casos de sarampo foi o ano de 2014.
- (d) O número de casos de sarampo em 2013 foi cinco vezes maior que o número de casos de sarampo em 2011.

(e) O número de casos de sarampo em 2018 é maior que o número total de casos de sarampo somados de 2011 até 2015.

25. Com base nos dados apresentados no gráfico de barras na questão anterior, é possível afirmar que a média aritmética dos casos de sarampo ao longo dos anos de 2011, 2013, 2014, 2015 e 2018 é:

- (a) 1053
- (b) 876
- (c) 601,5
- (d) 481,2
- (e) 472,6

26. A seguir temos um esquema aritmético composto por nove números em que três deles estão representados pelas letras A, B e C. A primeira linha do esquema é composta por quatro números primos que vão formando as outras linhas por meio de multiplicações. As multiplicações somente ocorrem quando os números estão ligados e na mesma linha. Por exemplo, os números 3 e 7 não são multiplicados porque não estão ligados no esquema.



Com base nesse esquema aritmético, podemos afirmar que o maior divisor comum de A e B é:

- (a) 35
- (b) 15
- (c) 7
- (d) 6
- (e) 2

27. A seguir temos uma tabela que apresenta equivalências de medidas de alimentos sólidos e líquidos.

EQUIVALÊNCIA DE MEDIDAS (SÓLIDOS E LÍQUIDOS)

1 litro	1.000 ml	4 copos
1 copo	250 ml	16 colheres de sopa + 2 colheres de chá
1 xícara (chá)	240 ml	16 colheres de sopa
1/2 xícara (chá)	120 ml	8 colheres de sopa
1/3 xícara (chá)	80 ml	5 colheres (sopa) + 1 colher (chá)
1/4 xícara (chá)	60 ml	4 colheres (sopa)
3/4 xícara (chá)	180 ml	12 colheres (sopa)
1 colher (sopa)	15 ml	3 colheres de chá.
1 colher (chá)	5 ml	2 colheres (café)
1 colher (café)	2,5 ml	1/2 colher (chá)

A partir dos dados da tabela, é correto afirmar que:

- (a) Dois terços de xícara de chá equivalem a dez colheres de sopa e duas colheres de chá.
- (b) Duas xícaras de chá equivalem trinta e seis colheres de sopa.
- (c) Um terço de xícara de chá equivale a quatro colheres de sopa.
- (d) Uma xícara de chá equivale a oito colheres de sopa.
- (e) Três copos equivalem a quarenta e oito colheres de sopa e 4 colheres de chá.

28. Um par ordenado (x,y) é solução de um sistema de duas equações e duas incógnitas. Ao substituírmos esse par ordenado (x,y) nas equações, encontramos igualdades verdadeiras. Dessa forma, é possível afirmar que o par ordenado $(1,2)$ é solução do sistema:

(a) $\begin{cases} x+y=3 \\ 2x+y=5 \end{cases}$

(b) $\begin{cases} x+2y=5 \\ 2x+y=6 \end{cases}$

(c) $\begin{cases} x+2y=3 \\ 2x+3y=10 \end{cases}$

(d) $\begin{cases} x+4y=8 \\ 2x+y=5 \end{cases}$

(e) $\begin{cases} x+y=3 \\ 2x+y=4 \end{cases}$